

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

CLEUZA MARIA DE SOUSA CUNHA

**RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: A APRENDIZAGEM MEDIADA POR
LAÇOS AFETIVOS**

UBERLÂNDIA – MG

2021

CLEUZA MARIA DE SOUSA CUNHA

**RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: A APRENDIZAGEM MEDIADA POR
LAÇOS AFETIVOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para conclusão do
curso de Pedagogia, modalidade a distância
da Universidade Federal de Uberlândia.

Polo: Uberlândia

Prof^ª. Dr^ª. Iara Maria Mora Longhini

UBERLÂNDIA – MG

2021

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a todas as pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram, e que embora possam não ter o conhecimento específico, me deram força para continuar a caminhada. São elas: meu esposo Edinho, meu filho Edson, minhas filhas Janaína, Larissa e Clara, que como a luz do sol iluminaram o meu caminho.

Não poderia esquecer de cada uma das pessoas que me acolheram na beira da rodovia me dando carona, ou até mesmo do Conjunto Alvorada ao Cemepe, quando o tempo estava no limite para chegar à escola a tempo de fazer provas aos sábados.

E também da tutora e professora Silvani, juntamente com os professores do Curso de Pedagogia UFU-EAD, turma-3, que nos orientaram sempre com carinho e atenção.

E a Deus, pois se somos seres de luz, podemos iluminar o caminho de muita gente.

Amamos a todos que nos ajudaram a compor e a tornar esse momento real.

**Sem um senso de identidade,
não pode haver luta real.
Freire**

RESUMO

O presente trabalho, desenvolvido para conclusão do curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, pela Faculdade de Educação, tem por objetivo apresentar estudos sobre afetividade na relação professor-aluno. Estes estudos foram realizados através de pesquisas bibliográficas cujo foco foi a prática pedagógica influenciada e relacionada com a afetividade no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental. Foram considerados a empatia e o acolhimento como afetos básicos nas interações sociais entre os atores centrais em desenvolvimento. Assim, surge a demanda de um cuidado maior em esclarecer e definir os aspectos afetivos preponderantes no decorrer do processo de escolarização dos anos iniciais do ensino fundamental, levando em consideração sentimentos, emoções, afinidades e preconceitos que compõem as diferentes relações que perpassam a vida de um sujeito-aprendiz desde a mais tenra idade. Como embasamento teórico, visitamos os trabalhos de Fernández, Freire, Vygotsky, Wallon, entre outros, os quais atentam quanto à importância da afetividade no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e do professor enquanto ator condutor desse movimento e atento à dinâmica afetiva compartilhada em aula. Conclui-se que na interação entre professor e aluno há um compartilhamento de saberes em diferentes contextos, sejam sociais ou culturais, sendo que a afetividade e a empatia criam um elo entre estes agentes, favorecendo um ambiente propício para a aprendizagem.

Palavras-chave: relação professor-aluno; autoestima; afetividade; aprendizagem.

ABSTRACT

This work, developed as the concluding step of the distance learning degree in Pedagogy at Faculdade de Educação of Universidade Federal de Uberlândia – UFU, aims at presenting studies on affection in the relation teacher-student. These studies were carried out through research of pedagogical practices based on the influence and connection of emotional relations in the development of the teaching and learning process in the first years of primary school, more specifically through bibliographical surveys, considering empathy and support as basic forms of affection in the social interactions between the protagonists in development. Thus, there arises a need for more careful clarification and definition of the emotional aspects which are preponderant in the course of the schooling process of the first years of primary school, taking into account feelings, emotions, affinities, and prejudices that make up the different relationships that occur in the life of a learning-subject from a very young age. For the theoretical bases, especial focus was given to the works of Fernandez, Freire, Vygotsky, Wallon, among others, who point to the importance of affection in the development of the teaching-learning process and to the teacher as the driving-actor of this movement, mindful of the affection dynamics shared in class. We came to the conclusion that, in the interaction between teacher and student, there is a sharing of knowledge in different contexts, be they social or cultural, and that affection and empathy forge a bond between these agents, creating an environment that encourages learning.

Key-words: teacher-student relations; self-esteem; affection; learning.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	7
2 - MEMORIAL	9
2.1 - FAMÍLIA	10
2.2 - ESCOLA	10
2.3 – VIDA PROFISSIONAL	11
2.4 - O CURSO DE PEDAGOGIA EAD	11
3 - A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM	12
3.1 - O SER-EU COMIGO E O SER SOCIAL	13
3.2 - CONHECER-SE: BASE PARA A APRENDIZAGEM	15
3.3 -VISÃO DE COMPLETUDE: EDUCAÇÃO HUMANIZADA	16
4 - METODOLOGIA	17
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
6 - REFERÊNCIAS	19

1 - INTRODUÇÃO

Iniciamos esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o presente memorial porque percebemos a necessidade de retornar ao passado e rememorar as influências afetivas da relação professor-aluno. Como a educação tem mudado, foi necessário fazer um inventário das nossas vivências, comparando e contrastando as alterações que notamos até os dias atuais. Assim, o presente trabalho aponta para diversas situações que acontecem durante o período letivo e que implicam o desenvolvimento do aprendiz, relações de sentimentos que podem atrapalhar ou ajudar no desenvolvimento da aula.

A afetividade no ambiente escolar tem sido importante para que a relação de aprendizagem aconteça de forma positiva. Este sentimento é pautado pelo respeito mútuo e, em consequência, norteia o aluno no processo do saber. Autores como Henri Wallon e Paulo Freire têm trabalhos de grande importância para os estudos sobre afetividade como um dos fatores primordiais no processo de desenvolvimento do ser-sujeito-pessoa, demonstrando também sua preponderância quanto à aprendizagem do aluno.

Quando se faz referência à afetividade, esta é considerada sob várias nuances, tais como empatia, acolhimento e a conseqüente escuta, entre outros afetos que devem existir na sala de aula para que o conhecimento seja a florado e desenvolvido de forma eficiente. Assim, ao se primar e manter o equilíbrio em um espaço de aprendizagem e intercâmbio de culturas diversas durante o ano letivo e uma convivência prazerosa, promove-se aprendizado e autoconhecimento. E esse abrir de leques de saberes, oriundos do cotidiano vivenciado pelos diferentes sujeitos-aprendizes, ajudam o professor a conhecer e se apropriar aos poucos da história de cada criança para a condução do processo de ensino-aprendizagem.

Outro momento importante para a conquista do conhecimento é o diálogo: através deste pode-se construir, conhecer e detectar opiniões e problemas comuns praticamente a todos os indivíduos; é estabelecido o companheirismo entre ambos, traduzindo-se, assim, numa melhor prática educativa e numa sólida aprendizagem.

A relação afetiva é notória na convivência entre os alunos e professores, um ponto importante que perpassa por nossos memoriais. O nível de carência de alguns alunos é enorme, sentimento que pode vir da vida em família. Entretanto, um olhar atento do professor pode fazer a diferença, dando visibilidade a essas crianças de modo a torná-las protagonistas do processo a partir de uma relação de empatia com o professor.

Wallon (1995) defende que o afeto é essencial para todo o funcionamento do corpo humano, dando motivação, interesse e contribuindo para o desenvolvimento. Para as crianças e adolescentes, o afeto é importantíssimo, pois eles precisam se sentir seguros para poder desenvolver seu aprendizado e todo seu crescimento. É necessário que o professor tenha consciência de como seus atos são extremamente significativos nesse processo, porque essa relação aluno-professor é permeada de afeto, e as emoções são estruturantes da inteligência do indivíduo.

Freire (1996) ratifica a importância desse acolhimento e dessa relação de empatia, ao dizer que:

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p. 96).

Desse modo, segundo reforça Silva e Navarro (2013, p. 47), a relação existente entre professor e aluno é um relacionamento que dá sentido ao processo educativo, uma vez que é no coletivo que os sujeitos elaboram conhecimentos. Por isso, o docente precisa refletir a todo momento sobre sua prática, fundamentando-se em uma base teórica e sólida.

Com base em levantamentos bibliográficos, este trabalho de pesquisa busca identificar nuances de afetividade recíproca e a sua influência na aprendizagem na educação infantil até os anos iniciais do ensino fundamental. Como isso é considerado, alimentado e desenvolvido com a prática docente do professor, já que é observada a necessidade de afetividade com empatia, acolhimento e respeito entre os atores do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, professor e aluno. Essa interação professor-aluno é marcadamente determinante para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

E essa relação de empatia foi o que nos mobilizou para a elaboração de nossos memoriais, parte do TCC do nosso curso de Pedagogia. Zenildes e eu nos empenhamos em leituras diversas sobre o assunto. E, de modo autônomo, nós nos colocamos como protagonistas de nossa própria história de modo compartilhado no item 2 do texto, sendo as demais partes do corpo do trabalho uma realização em conjunto.

Analisando as influências da relação professor-aluno, tomamos por base as experiências vivenciadas por nós mesmas na educação básica, a partir das quais percebem-se mudanças significativas ao longo do tempo.

2 – MEMORIAL

Meu nome é Cleuza Maria de Sousa Cunha, 62 anos, professora de inglês, mãe de Janaína, Larissa, Edson e Clara; casada com Edson, também professor de Língua Inglesa.

Sou natural de Monte Carmelo, Minas Gerais. Estudei a maior parte em escolas públicas e o pouco que transitei por instituições privadas percebi bem a diferença de tratamento. Ao fazer um retrospecto histórico do período em que iniciei a escola básica e o que vivenciei com os meus quatro filhos, percebi que houve um avanço significativo quanto às oportunidades de acesso ao ensino fundamental II, principalmente quanto à oferta de escolas.

Na época em que concluí o ensino fundamental I, para prosseguir com a etapa II eu precisava enfrentar uma seleção (exame classificatório) para pleitear uma vaga na única escola pública da época em Monte Carmelo, a Escola Estadual Gregoriano Canedo. As outras duas opções eram escolas particulares. No ano em que concluí a 4ª série, os meus tios com os quais eu morava se mudaram para uma fazenda distante de Monte Carmelo e não consegui vaga na escola pública. Por isso, fiquei um ano sem estudar.

Então, minha madrinha, Anésia, irmã de meu pai, conseguiu uma bolsa-estudo para que eu fosse estudar e morar no Colégio Nossa Sr^a. do Amparo por dois anos, a melhor escola privada da cidade e frequentada pela alta sociedade carmelitana.

Nesta escola eu morei, estudei, mas também trabalhei para pagar minha moradia. Ali, eu desenvolvia atividades de manutenção do estabelecimento, fazendo faxinas, organizando as salas de aula, como ajudante de cozinha, entre outras coisas. E foi também, onde me senti estimulada por dois dos meus professores: um foi o meu professor de matemática do 7º ano, com o qual fiquei de exame final, e ele me disse para jamais entregar os pontos, pois sentia em mim dedicação e vontade de aprender. E, em contrapartida, a professora de língua portuguesa foi extremamente deselegante em sala de aula comigo, quando colocou em dúvida o aproveitamento que apresentei na prova de português do 4º bimestre e me deixou de exame final também.

Assim, como mencionei antes, o pouco que transitei por instituições privadas percebi a diferença marcada, principalmente, quanto ao tratamento humano e acolhimento. Para sobreviver à exploração da força de trabalho e, de certo modo, à exclusão, era preciso me fortalecer a cada dia e para isso me apeguei a boas leituras; pois o acesso à biblioteca era tudo o que tinha de melhor nesta escola e eu tinha certeza de onde queria chegar. E, sem

dúvida alguma, o apoio recebido de alguns professores que passaram por minha vida foi determinante para minha escolha profissional.

2.1 – FAMÍLIA

Oriunda de uma família de sete filhos – cinco meninas e dois meninos – de pais trabalhadores braçais diaristas, o sonho de um futuro melhor poderia ser passo a passo conquistado a partir da educação. Cresci escutando meus pais falando aos meus irmãos e a mim sobre a importância da educação, como a única coisa que ninguém pode nos tomar e que pode ser inovada e renovada a cada dia. E nisto meu esposo e eu procuramos ser exemplo para nossos filhos, tendo como princípios básicos: estímulo, motivação e proatividade em busca de uma formação universitária e com uma base fundamental, no mínimo, na Língua Mãe (L1) e em, pelo menos, uma língua estrangeira (L2), tecnologias da informação (TICs), entre outras, com a ideia de que a prática é melhor do que o discurso, enfim, ensinar a partir do exemplo.

2.2 – ESCOLA

Desde quando iniciei meus primeiros estudos no grupo escolar, o que me chamou atenção e me cativou foi a forma como fui acolhida, junto com isso o contato com livros didáticos e literatura, como a leitura de fábulas e outros clássicos. Assim, a relação professor-aluno a partir do exercício da escuta aos anseios do aprendiz ao chegar à escola, seja qual for o seu nível, foi fator determinante para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Mantenho a ideia de que esse é um diferencial significativo para quem está iniciando uma nova jornada, principalmente, de aprendizagem.

Desse modo, a relação com harmonia e equilíbrio, a escuta do outro, o repasse para acompanhamento do conteúdo, dar tempo para as crianças se expressarem, respeitar o ritmo de cada uma e ser paciente são essenciais e ajudam a desenvolver sentimentos de companheirismo, generosidade, com foco no projeto de aprendizagem individual e coletivo de cada estudante.

2.3 – VIDA PROFISSIONAL

Iniciei o curso de Letras Português-Inglês pela UFU e concluí na Universidade do Cerrado em Patrocínio, em 1986. Atuo na educação pública como professora desde 1990 e, também, com um curso particular de idiomas inglês e espanhol, com o qual deixei de atuar há dois anos. Cursei também Administração Pública pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Língua Espanhola pela UFU e, atualmente, curso o 8º período de Pedagogia também na UFU. Seja em casa ou mesmo fora de meu espaço de convívio, sempre trabalhei com educação, pois o envolvimento com o curso de línguas foi um convívio diário de longa data juntamente com o desenvolvimento dos nossos filhos.

2.4 - O CURSO DE PEDAGOGIA EAD

Cursar pedagogia tem sido a redenção na educação para mim, porque me possibilitou contato com mais pessoas e ideias inovadoras do processo de ensino-aprendizagem: expressão de vida plena, ou seja, aprender com autonomia, de modo proativo e desenvolvendo a empatia, pois não somos donos do conhecimento e nem ficaremos por aqui, por isso é importante repassá-lo coletivamente. Isto, ao longo da história, tem sido a base para conhecimentos inovadores. E essa construção coletiva gerando conhecimento é sempre fecunda. Enfim, a partir do acolhimento e relação com o tutor e professores me abri para a escuta, atenção ao outro e com um maior entendimento de que sempre se pode e deve dar mais uma oportunidade a quem busca novos saberes, porque não sou eu que ensino, é o aluno que aprende. E nessa relação ambos aprendemos.

Embora tenha sido um grande desafio conciliar trabalho e estudos, estudar foi e tem sido um grande diferencial em nossas vidas pessoais e profissionais. Tanto para Zenildes quanto para mim, crescemos aprendendo a partir das vivências com nossos pais e, principalmente, com os professores que nos motivam sempre a avançar em busca de mais conhecimento. E isto nos têm levado adiante em busca de mais e diferentes saberes.

O que percebemos é que todo o profissional da educação deveria passar primeiro pela formação do Curso de Pedagogia para se dedicar e atuar no processo de ensino-

aprendizagem, pois isto dá a fundamentação conceitual e teórica do ato de aprender-ensinar-aprender. Enfim, o contato e as vivências na pedagogia nos possibilitaram uma maior conscientização sobre a importância e a responsabilidade de se trabalhar com vidas humanas, acreditamos que, assim como fomos influenciados pelos nossos professores, também influenciaremos nossos alunos.

Diante disso, observa-se como é essencialmente significativa a influência da relação professor-aluno como um dos fatores determinantes no processo de ensino-aprendizagem. Pois, há que se considerar que no decorrer do processo de desenvolvimento pessoal do aluno, a criança precisa de estímulos, convivência e, naturalmente, partilhar saberes. E, no decorrer do processo, cada um desses pequenos atores espera ser validado; enfim, ser reconhecido com sua potencialidade.

3 - A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Segundo Fernandez,

nós, humanos, aprendemos a partir de identificações com nossos ensinantes, e somente em um ambiente familiar, e depois, no escolar e social, que nos aceite como seres pensantes. Quero dizer, que permita e favoreça nossas perguntas, dê lugar à diferença, e, em síntese, que favoreça a autoria de pensamento. A inteligência se constrói, a atividade de pensamento se constrói, como também a atenção e a capacidade de se prestar atenção (FERNÁNDEZ, 2008a, p. 19).

De acordo com Gómez (2000), a relação entre professor-aluno deve ser empática, de forma que ambos os parceiros numa relação comunicativa desenvolvam a capacidade para ouvir e refletir sobre as questões que estão sendo abordadas por cada um dos interlocutores na comunicação. Isso possibilitará o desenvolvimento de uma maior interação e reciprocidade na comunicação e, portanto, um melhor ambiente de aprendizagem.

Assim, há a necessidade de uma participação integral das crianças nas aulas para um bom aproveitamento do processo. Isto se reflete através dos interesses, preocupações, desejos e vivências dos estudantes visando a construção e apropriação ativa de novos saberes de forma compartilhada.

E, para que o processo de ensino-aprendizagem se desenvolva bem, é de fundamental importância existir afetividade, empatia, confiança e respeito na relação professor-aluno.

O professor como um formador de opinião deve observar com cuidado as interferências no desenvolvimento do processo. Visto assim,

é possível compreender que a relação professor-aluno, no processo de ensino-aprendizagem, depende do ambiente criado pelo professor, da relação que ele estabelece com os estudantes, da sua capacidade de ouvir, refletir e debater as questões e necessidades trazidas por eles, visando construir um caminho de acesso entre o conhecimento que ele detém e o conhecimento dos educandos (NUNES, 2017, p. 13).

Dentro deste contexto, é na abordagem com os alunos que se estabelece a convivência e fortalecimento de vínculos afetivos. Ou seja, é preciso compreender quem sou eu, transformando em equilíbrio as novas ideias e novos saberes de forma compartilhada.

Desse modo, observa-se que esse caminho para o conhecimento também se baseia na relação do eu com o outro, nos fatores determinantes da sociedade. Assim, pode-se falar de uma inter-relação da personalidade social e na convivência que se constitui nas relações com os colegas e professores.

Dessa forma, uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. [...] A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu (FREIRE, 2002, p. 41).

A seguir alguns teóricos como Wallon, Vygotsky, Freire, entre outros, descrevem sobre o homem enquanto ser social e o impacto disso em sua construção como pessoa.

3.1 - O SER-EU COMIGO E O SER SOCIAL

Para Wallon,

a afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente. [...] A afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados. (WALLON, 1995, p. 288)

Daí a importância da atenção do docente para com a criança; segundo Wallon, é primordial o seu estímulo emocional, buscando promover o seu desenvolvimento intelectual, cognitivo e pessoal, visando o seu crescimento individual.

Segundo Leite (2012, p.361), ao se comparar as posições de Wallon e Vygotsky sobre a afetividade, percebe-se pontos comuns quanto aos aspectos essenciais do fenômeno em pauta: a) ambos assumem uma concepção desenvolvimentista sobre as manifestações emocionais: inicialmente orgânicas, vão ganhando complexidade na medida em que o indivíduo desenvolve-se na cultura, passando a atuar no universo simbólico, ampliando-se e complexificando-se suas formas de manifestação; b) assumem, pois, o caráter social da afetividade; c) e que a relação entre a afetividade e inteligência é fundante para o processo do desenvolvimento humano.

A empatia se apresenta como um canal de afetividade nas conexões com o processo de ensino-aprendizagem. Brolezzi reflete sobre isso utilizando uma boa metáfora:

[...]essas aberturas de janelas podem ser entendidas como momentos de empatia, de sintonia entre as pessoas, de um entrar no universo do outro, de troca de pensamentos [...] é um momento em que as pessoas estão mais sensíveis, para aprender, para ensinar, para perguntar. O clima, nessa hora, é afetivamente promissor. Nesse ambiente de aprendizagem para que a linguagem da empatia funcione são fundamentais liberdade, respeito, dar o tempo certo para cada aluno, o olhar atento sobre o nível de desenvolvimento e adequação dos procedimentos planejado e dispensado aos sujeitos do processo. (2014, p. 6)

Dessa forma, no contexto de empatia e compreensão, Freire (2015) reforça ainda que, nas relações humanas, é preciso considerar o interlocutor como sujeito, a fim de haja um diálogo genuíno, buscando constantemente conhecê-lo. Assim,

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer (...) conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito, e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer” (FREIRE, 2015, p. 28-29).

Segundo Rogers (1983), na obra *Liberdade para aprender*, o professor tem por objetivo permitir que seus alunos se tornem indivíduos funcionais e saudáveis, aberto a novas experiências, capacidade de viver uma vida plena, ou seja, o aqui e agora, com confiança nos próprios desejos e intuições, com liberdade e responsabilidade de ação e com disponibilidades para criar de forma não-diretiva. Ou seja, o professor deve saber conduzir o processo e interferir o mínimo possível.

Assim, o aluno torna-se um ser capaz de fazer as próprias escolhas. Cabe ao professor mediar este processo permeado de afetividade, pois esta é determinante para a empatia, o envolvimento, o respeito e o equilíbrio na consolidação da aprendizagem. Desta forma, ao saber conduzir estas etapas, o professor propiciará aos estudantes a oportunidade de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e se conhecer.

Enfim, ao se constituírem sujeitos de vontade e direito, estes se constituem em sua concretude: seres autônomos, pois, conforme frase atribuída a Freire: “sem um senso de identidade, não pode haver luta real”.

3.2 - CONHECER-SE: BASE PARA A APRENDIZAGEM

O autoconhecimento fortalece a autoestima, ou seja, esta é reflexo da visão e/ou opinião que o indivíduo tem de si mesmo, enfim esta reflete no amor-próprio de cada um – base da vida humana.

Segundo Baldissera,

autoestima refere-se à confiança básica que cada um tem (ou não) em si. Relaciona-se à própria crença na capacidade de pensar, de confiar em sua habilidade em dar conta daquilo que a vida apresenta em suas exigências básicas. [...] É ter a convicção de possuir um valor pessoal que dá condições de atingir suas metas, fazer suas escolhas e em suas relações com os outros poderem crer que há pessoas que gostam de si por aquilo que ela é. A autoestima está ligada mais a um fator interno (pessoal) do que a fatores externos do meio ambiente em que se vive. Este é um resultado de um processo de construção pessoal que pode ter sua origem já na infância [...]. (2010, p.79-80).

Visto sob esse ângulo, pessoas com elevada autoestima acreditam na sua capacidade de vencer obstáculos, mesmo frente à derrota, elas encontram energia para se levantar. Observa-se que um “não” dito a uma pessoa que sabe o que quer da vida, a estimulará na busca por seus objetivos, pois ela sabe onde quer chegar. Ou seja, com determinação e perseverança cada pessoa alcançará o seu porto seguro, conforme o planejado.

Nessa busca, a autoestima influencia no processo de ensino-aprendizagem escolar, o qual envolve aspectos cognitivos, afetivos e sociais, constituindo-se de uma dinâmica gradativa com formas diferentes, que vão desde a ênfase no papel do professor como transmissor do conhecimento, até as concepções atuais que o concebem como um todo integrado, destacando o papel do educando.

Visto sob esta ótica de um ser constituído de autonomia e vontade, a educação humanizada se apresenta como fio condutor do processo de aprendizagem a partir da relação professor-aluno.

3.3 -VISÃO DE COMPLETUDE: EDUCAÇÃO HUMANIZADA

As relações humanas são naturalmente difíceis, pois cada ser é único com suas qualidades e defeitos, enfim cada um com suas peculiaridades próprias. Segundo Vygotsky, o meio do qual faz parte influencia o homem e ao absorver a cultura desse ambiente, esse sujeito, de algum modo, formará e conduzirá à transformação desse meio.

Ao se considerar o papel do professor, deve-se pensar nas estratégias utilizadas no decorrer do processo e acima de tudo, primeiramente, conhecer e saber, de fato, quem é cada um dos alunos, sua história de vida, suas expectativas e seu projeto de vida, que busca realizar a partir da escola. Assim, ao se inteirar sobre suas dificuldades e suas potencialidades, o docente, a partir de sua prática pedagógica, terá variados e diferentes sujeitos/aprendizes e também ensinantes, por isso, enquanto ser altruísta, o professor se preocupa sobremaneira com as condições emocionais e cognitivas do seu aluno.

Segundo Simka (2010, p.7-8), todo professor deveria, ao menos, experimentar o tratamento humano para verificar, facilmente, que os alunos reagem de modo sempre positivo. Relacionar-se com o aluno de centelha humana para centelha humana é o melhor que se pode fazer em termos de relação entre professor e aluno. E, considerando também, que é uma relação de diversas e diferentes facetas, pois envolve múltiplos indivíduos e cada um com seus sonhos, de certo modo, compartilhados.

De acordo com Aloni, professor de Filosofia da Educação no Hakibbutzim College of Education e no Beit Berl College of Education em Israel, [s.d]:

[...] os educadores humanistas contemporâneos compartilham o compromisso de humanizar seus alunos num espírito de liberdade intelectual, autonomia moral e democracia pluralista. Eles se empenham em proporcionar o tipo de educação que, por um lado, libere seus alunos dos grilhões da ignorância, capricho, preconceito, alienação e falsa consciência, e, por outro, os habilite a atualizar suas potencialidades humanas e levar vidas humanas autônomas, plenas e gratificantes (ALONI, [s.d]).

Associando-se a esta consideração, o artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) diz que

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996)

Dessa forma, ao acolher o aluno com empatia, a escola, na figura do professor, assume a responsabilidade de cuidar para que as necessidades pessoais e intelectuais de cada estudante sejam atendidas por completo, visto que a escola é um espaço propício para a formação do ser humano na sua convivência familiar, social e cultural, nos termos de Menezes (2000, p. 13), “a boa educação é aquela que promove gostosamente a diferença humana, preparando para a vida”.

4 - METODOLOGIA

Esse TCC foi realizado a partir de levantamento bibliográfico tomando por base referenciais teóricos do Curso de Pedagogia publicados em artigos, livros, dissertações, teses entre outras publicações da internet.

Para a pesquisa, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: afetividade, empatia, autoestima, educação infantil e aprendizagem. Os critérios utilizados para seleção dos artigos foram, por conseguinte, referentes ao tema relacionado à afetividade na formação da autoestima da criança na educação infantil e/ou canal de empatia na relação professor-aluno e também naquela entre aluno-aluno.

Ao buscar a análise histórica da relação professor-aluno, através de leituras e do levantamento das publicações para a pesquisa, percebeu-se que são vários os trabalhos publicados que envolvem autoestima, afetividade, empatia associados à relação professor-aluno no ambiente escolar. Os temas abordados nessas publicações relacionam-se à autoestima, afetividade associada à emoção, o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio, leitura de psicologias para formação de professores e a importância do limite na educação infantil.

Observa-se que os assuntos das publicações citadas descrevem a respeito da relação afetiva no comprometimento da formação da autoestima e, conseqüentemente, o

desempenho do aluno no processo de ensino-aprendizagem a partir da escuta e conhecimento da história de cada criança (sujeito/aprendiz).

Esta pesquisa bibliográfica objetivou nortear o trabalho a ser desenvolvido de forma a dar luz à discussão sobre a importância do acolhimento com afeto, empatia, respeito e atenção às diferenças, ratificando a hipótese aqui trabalhada de realização da atividade docente com humanismo.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, ao tomar o homem como protagonista de sua própria história, surge a educação como uma ação humana necessária à espécie, a qual tem estreitado a relação de afetividade cada vez mais entre os sujeitos do processo de aprendizagem. A partir da relação professor-aluno, cria-se um elo afetivo de estímulo ao desenvolvimento e protagonismo de cada estudante, resultado de uma relação simbiótica de afinidades norteadoras do caminhar e escolhas desses aprendizes.

Conforme descrito neste TCC, pode-se constatar que a afetividade na relação professor-aluno é imprescindível para o desempenho educacional. A partir da elaboração de um memorial e de uma pesquisa bibliográfica corroborou-se a importância e influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Cada estudante desde a mais tenra idade tem alguma coisa a contar de si, e quanto isto marcou a sua vida, daí a importância da empatia, acolhimento, confiança e respeito nesta interação.

Assim, pode-se observar que o memorial é marcadamente repleto de traços de afetividade na relação professor-aluno, com nuances significativas e determinantes para o desenvolvimento da autonomia e identidade de cada sujeito, em especial, como foi para cada um de nós no decorrer de nossa trajetória escolar.

No decorrer do desenvolvimento de cada sujeito, identificam-se diversas dimensões dos aspectos afetivos, o que extrapola o simples contato físico e adentra o emocional e o cognitivo, consequência da interação dos sujeitos na dinâmica de ensino-aprendizagem compartilhada.

Desta forma, é possível perceber que na relação professor-aluno, a afetividade entre os estudantes se apresenta de modo visível, como um fator motivador no processo de ensino-

aprendizagem, dado a resposta positiva dos sujeitos, o que é demonstrando a partir da interação, tranquilidade e prazer com o que se comprometeram a fazer.

Assim, ao compartilharem memórias, percebe-se que essa relação carregada de afetividade tem sido primordial para a humanização da educação, efetivando esse encontro de identidade ao se projetar e se ver no outro.

Enfim, o educador, ao buscar se inteirar e conhecer cada criança, a partir de suas fragilidades, entre outras coisas, está exercitando e praticando a educação pé no chão, ou seja, está reconhecendo e acolhendo cada um desses sujeitos em suas singularidades, parafraseando Freire. Porque a escola não é feita primeiro de conteúdo, mas de relações humanas.

Assim, na escola através da relação professor-aluno com a interação social de diferentes pessoas, interação carregada de afetividade como parte do processo, praticando e adquirindo novos saberes de forma compartilhada com atenção às expectativas e necessidades de toda a comunidade, a aprendizagem acontece num *continuum* de interação. Ou seja, uma educação humanizada que acontece em ambientes múltiplos e diversos, frente a situações de superações e conquistas, seja pessoal e/ou coletivas que fortalecem o grupo, deixando-o pronto para novos desafios.

6 - REFERÊNCIAS

ALONI, N.. **Educação Humanista**. In: Hakibbutzim College of Education. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjgupmj8f_zAhW5K7kGHa_sA2gQFnoECAMQAQ&url=http%3A%2F%2Fwww2.unifap.br%2Fborges%2Ffiles%2F2011%2F02%2FEduca%25C3%25A7%25C3%25A3o-Human%25C3%25ADstica.pdf&usg=AOvVaw14lMp7B_EF-YJgesFwFJwl>. Acesso em: 10 out. 2021.

BALDISSERA, D. P. **Navegando em reflexões sobre a vida**. 1. Ed. São Paulo: Brasil, 2010.

BRASIL. **Lei n 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília: Gráfica do Senado, ano CXXXIV, no. 248, 23/12/96, pp. 27833-27841.

BROLEZZI, A. C. Empatia na relação aluno/professor/conhecimento. **ENCONTRO: REVISTA DE PSICOLOGIA** Vol. 17, N°. 27, 2014. Disponível em: <<https://www.ime.usp.br/~brolezzi/publicacoes/empatia.pdf>> Acesso em: 06 de setembro, 2021.

FERNANDEZ, A. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamentos.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 15ª. ed. 2000.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2010.

GÓMEZ, A. I. P. A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula. In: SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino.** 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LEITE, S. A. da S. Afetividade nas práticas pedagógicas. Temas psicol. vol.20 no.2 Ribeirão Preto dez. 2012. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjF-YKc8v_zAhVelbkGHcq-B1YQFnoECAMQAAQ&url=http%3A%2F%2Fpepsic.bvsalud.org%2Fpdf%2Ftp%2Fv20n2%2Fv20n2a06.pdf&usg=AOvVaw0JhuMvs60HFMvJY_agpj2l> Acesso em 06 de setembro, 2021.

LEITE, S. A. da S. e TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula: As condições de ensino e a mediação do professor.** Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>> Acesso em: 06 de setembro, 2021.

ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender.** Trad. Edgard de Godói da Mata Machado e Márcio Paulo de Andrade. 2ª ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1983.

SILVA, O. G. e NAVARRO, E. C. A Relação Professor-Aluno no Processo Ensino-Aprendizagem. 2012. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar** (2012) n.º8 Vol – 3 p. 95 55 -100. ISSN 1984-431X. Disponível em: <<http://revista.univar.edu.br>>. Acesso: 10 Abril. 2017.

SIMKA, S. e MENEGHETTI, Í. **A relação entre professor e aluno: um olhar interdisciplinar sobre o conteúdo e a dimensão humana.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

VIGOTSKII, L. S; LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Icone, 1998.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** 2ª Tradução ed. Lisboa: Edições 70, 1995.